



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília - UnB
Centro de Excelência em Turismo – CET

POÇO AZUL – PROPOSTA DE EMPREENDIMENTO ECOTURÍSTICO.

Leidiany M^a Lago Lima

Orientador: MSc Sérgio Salvati Salazar.

Co-orientadora: Especialista Lucila Maria Egydio.

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção certificado de Especialista em Ecoturismo.

Brasília- DF, setembro de 2004

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo.
Curso de Especialização em Ecoturismo.

POÇO AZUL – PROPOSTA DE EMPREENDIMENTO ECOTURÍSTICO

Leidiany M^a Lago Lima

Orientador: MSc Sérgio Salvati Salazar.

Co-orientadora: Especialista Lucila Maria Egydio

Brasília-DF, setembro de 2004.

Lima, Leidianny

**POÇO AZUL – PROPOSTA DE EMPREENDIMENTO
ECOTURISTICO/Leidianny Maria Lago Lima.**

55 f.

Monografia (especialização). Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. Brasília, 2004.

Área de concentração: Ecoturismo.

Orientador: Msc Sergio Salvati Salazar.

Co-orientadora: Lucila Maria Egydio.

1. Turismo

2. Ecoturismo

3. Meio Ambiente

Leidiany M^a Lago Lima

POÇO AZUL – PROPOSTA DE EMPREENDIMENTO ECOTURÍSTICO.

Comissão Avaliadora

Orientador: MSc Sérgio Salvati Salazar.

Co-orientadora: Especialista Lucila Maria Egydio.

Banca: MSc Fábio de Jesus.

Brasília, DF 20 de setembro de 2004.

Ao meu pai, José Henriques Lima.

In memoriam.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre guiar o meu caminho e confortar minha alma.

A minha mãe, Jésua Brito Lago pelas incontáveis atitudes e palavras de amor, pois sem a qual seria impossível realizar mais este sonho.

Aos meus irmãos Luciano, Luciane e Luis pelas inúmeras contribuições.

A Professora Especialista e Co-orientadora Lucila Maria Egydio, que com seus conhecimentos e paciência auxiliou na realização deste trabalho e ao Professor e Orientador Msc Sérgio Salvati Salazar.

Ao colega de turma Marcos Rafael, por ter auxiliado na tradução do resumo.

A todos muito obrigada.

RESUMO

O ecoturismo é um dos segmentos da atividade turística que de modo geral segue princípios, as ações conservacionistas e o envolvimento da comunidade local no desenvolvimento da atividade. De acordo com essa dimensão que o ecoturismo pode alcançar, acredita-se que esta prática possa ser viável para o empreendimento Poço Azul, haja visto seus atrativos, a possibilidade real de mitigar os impactos causados ao meio ambiente e a probabilidade de dar mais longevidade ao empreendimento. Mas para efetivar a prática do ecoturismo no local em questão, sugere-se adequações e modificações.

Palavras-chave:

1. Ecoturismo

2. Meio Ambiente

3. Conservação

ABSTRACT

The ecotourism is one of the touristic activities styles which, in a general way, is different from the other styles, because of its principles, conservation actions and local community engagement in the activity development. According to the dimensions that the ecotourism reaches, this practice is believed to be feasible for Poço Azul enterprise, considering its attractions, the real possibility of reducing the impacts caused in the environment and the possibility of giving larger life span to the enterprise. But to make the practice of the ecotourism in the studied site become effective, some suitability and changes must be done.

Key words

1. Ecotourism

2. Environment

3. Conservation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.TURISMO E MEIO AMBIENTE	15
1.1 Impactos Ambientais do Turismo	19
2.ECOTURISMO	21
2.1 Definições	23
2.2 Impactos do Ecoturismo	25
2.2.1 Impactos Positivos	25
2.2.2 Impactos Negativos	26
2.4 Ecoturismo no Distrito Federal	27
3.METODOLOGIA	30
4.RESULTADOS	34
4.1 Caracterização da Área	34
4.1.1 Localização	35
4.1.2 Mapa	36
4.1.3 Vegetação	36
4.1.4 Taxa de Entrada	37
4.1.5 Horário de Funcionamento	37
4.2 Perfil dos Visitantes	38
4.3 Infra-estrutura Básica	41
4.3.1 Acesso	42
4.3.2 Recursos Humanos	42
4.3.3 Lixo	43
4.3.4 Banheiros	43
4.4 Infra-estrutura Turística	44
4.4.1 Portão de Entrada	44
4.4.2 Sinalização	44
4.4.3 Informação	45
4.5 Atrativos	46
4.5.1 Trilhas	46
4.6 Marketing	47
5. RECOMENDAÇÕES	49
5.1 Infra-estrutura Básica	50
5.2 Infra-estrutura Turística	51
5.2.1 Centro de Visitantes	51
5.2.2 Sinalização	52
5.2.3 Educação Ambiental	53
5.3 Marketing	54
5.4 Atrativos	55
5.4.1 Trilhas	55
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	60
ANEXO	63
ANEXO A -QUESTIONÁRIO 1	
ANEXO B - QUESTIONÁRIO 2	
ANEXO C -GRÁFICOS	
ANEXO D - FOTOS	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa

36

LISTA DE ABREVIATURAS

ABAV - Associação Brasileira de Agencias de Viagens

Adetur - Agencia de Desenvolvimento do Turismo do Distrito Federal

APA - Área de Proteção Ambiental

CNTur - Conselho Nacional de Turismo

DF - Distrito Federal

Embratur - Instituto Brasileiro de Turismo

GDF- Governo do Distrito Federal

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IEB- Instituto de Ecoturismo do Brasil

ONG - Organizações Não Governamentais

Km - Quilômetro

USP - Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Atualmente o turismo no Brasil é considerado um setor importante para elevar o crescimento econômico e o desenvolvimento do país pelo poder público, a exemplo disso, é a criação do Ministério do Turismo.

Por sua vez, o Brasil se traduz como um país de grande capacidade e potencial turístico. Os estudos e pesquisas demonstram o crescimento do turismo no país. De acordo com a Embratur o fluxo de turistas estrangeiros no Brasil saltou de 1,85 milhões, em 1994, para mais de 5 milhões, em 2000. No mesmo período, o fluxo de turismo doméstico cresceu de 13,85 milhões para 38,20 milhões de brasileiros viajando pelo país.

O ecoturismo no Brasil tem demonstrado seu potencial de crescimento, pois segundo números da ABAV (Associação Brasileira de Agência de Viagens) temos 500 mil ecoturistas por ano e 20% de crescimento anual contra 7,5% de crescimento do turismo comum. Isso se explica devido o Brasil possuir 22% da flora, 10% dos anfíbios e mamíferos e 17% das aves de todo mundo (dados da ABAV).

O Distrito Federal e Entorno também têm buscado consolidarem-se com produto turístico atrativamente competitivo no mercado. De maneira que tem se visualizado a segmentação da oferta turística, a exemplo: o turismo rural, o ecoturismo, o turismo cívico, o turismo de negócios e de eventos, dentre outros.

Brazlândia é uma região administrativa do Distrito Federal que possui belezas naturais e manifestações culturais de grande potencial turístico. Dentre os sítios naturais da região, notáveis pela beleza pictórica, destaca-se especialmente o Poço Azul, formado no interior de uma rocha de quartzo pelas águas límpidas e azuladas do Rio da Palma; que está localizada na APA - Área de Proteção Ambiental de Cafuringa.

A Área de Proteção Ambiental (APA) de Cafuringa ocupa a região noroeste do DF, possui área aproximada de 450 km², apresenta o mais variável relevo da região, altitude de 750 a 1336m, pequenas diferenças climáticas, rede de drenagem pertencente à bacia do Rio Maranhão, litologia muito variável (42 diferentes fases de solos) e intrincado mosaico de vegetação onde quase todos os tipos e formas presentes no bioma Cerrado estão representados. Todavia, para o DF duas fitofisionomias são exclusivas da APA: mata mesofítica em áreas calcárias e os campos de altitude.

Esse sítio natural referido é aberto para visitação e busca a atividade turística. De acordo com a característica do local é aconselhável o ecoturismo, sendo que um dos seus conceitos é:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das comunidades envolvidas. (EMBRATUR/IBAMA, 1994, apud Pires, 1997).

De acordo com este conceito é que o presente estudo vislumbra elaborar uma proposta que atenda os princípios do ecoturismo e que seja capaz de definir novos caminhos para o empreendimento Poço Azul, isto é, propor a reestruturação do modelo turístico vigente para o ecoturismo efetivamente.

Algumas informações são necessárias para determinar uma nova diretriz, como: verificar os problemas existentes, diagnosticar as práticas que conflitam com os princípios do ecoturismo e identificar as limitações e benefícios que esta proposta pode gerar.

Este estudo busca conhecer como é conduzida a visita no Poço Azul, pois o turismo é uma atividade em franco desenvolvimento no Brasil, e o ecoturismo é um segmento que utiliza os recursos naturais de forma sustentável, e isso precede o conhecimento aprofundado desta atividade e suas peculiaridades, além da preocupação dos interessados em conservar e envolver a comunidade.

O presente trabalho pretende por meio da pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, coleta de dados, aplicação de questionário e posteriormente análise de informações possibilitar um novo direcionamento da atividade praticada no Poço Azul.

1. TURISMO E MEIO AMBIENTE

O turismo é o movimento de pessoas, é um fenômeno social, econômico, ecológico, político e cultural que envolve pessoas. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, apesar de que esta última poder ser a razão de tal movimento. Turismo é uma atividade que se dá partir do desejo do homem em buscar o desconhecido.

A partir de 1996, fixa-se o Sistema Nacional de Turismo. Sendo criado o Conselho Nacional de Turismo - CNTur e o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) que, vinculado ao Ministério de Indústria e Comércio, estabeleceu os primeiros incentivos fiscais e financeiros ao setor.

O turismo contemporâneo é um grande consumidor da natureza e sua evolução, nas últimas décadas ocorreu como consequência da “busca pelo verde” e da “fuga” dos tumultos dos grandes conglomerados urbanos pelas pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com os ambientes naturais durante seu tempo de lazer (Ruschmann, 1997).

Neste contexto a paisagem, devido seu caráter visual e a sua qualidade estética, vêm sendo transformada cada vez mais como recurso turístico. Em muitos casos, é, mesmo, o fator determinante para a escolha de um destino de viagem e lazer.

Apesar da paisagem ser o bem mais valioso para o turismo, ela vem sendo degradada de forma implacável, essas transformações diminuem a qualidade visual da paisagem e causam problemas ambientais. Isto é verdade tanto para as paisagens naturais quanto às urbanas, transformadas pela ação do homem.

Em 1972 com a conferência da ONU sobre o meio ambiente, ocorreu a primeira iniciativa do gênero para examinar a questão ambiental de maneira global e coordenada na busca de soluções para os problemas existentes e definir linhas de ação para a problemática.

Segundo Rodrigues (1997),

“Felizmente, hoje, com a eclosão os movimentos ambientalistas e com a aplicação de legislações rígidas de defesa ao ambiente aliadas a maior conscientização da população, da política e do empresariado, a situação tem começado a reverter-se. À medida que avançamos pela década de noventa intensifica-se a preocupação pelos problemas ambientais com grandes repercussões no turismo.”

Na medida que se verifica que o turismo degrada os ambientes naturais, às vezes de maneira irreversível, novos segmentos de turismo estão sendo propostos, em detrimento do turismo tradicional ou de massa.

Ainda nos anos 80, o ecoturismo toma impulso, devido o interesse de viajantes em conhecer os aspectos da natureza e poder usufruir dela, especialmente devido à

conscientização das sociedades para com as questões ambientais, principalmente pela percepção da necessidade de proteção e recuperação dos recursos naturais.

De acordo com Rodrigues (1997), o ecoturismo é a mais recente modalidade de turismo, sendo um das formas de turismo alternativo, que tem como características viagens para reservas naturais, relativamente pouco alteradas e não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar da paisagem, da fauna e da flora, da mesma forma que pretende a integração dos turistas com o meio ao seu redor e, em particular, com as comunidades receptoras.

A maior preocupação quanto a atividade do ecoturismo são quanto ao seus impactos no meio ambiente e na comunidade, para (Rodrigues, 1996) :“... ao se referir aos benefícios econômicos, sociais, e ambientais, vê-se claramente que a proposta sob o rótulo de ecoturismo não foge muito das praticas do turismo tradicional predatório.”

Os efeitos negativos do ecoturismo podem ser notados em ecossistemas naturais, que muitas vezes não comportam um número elevado de visitantes, nem suportam o tráfego excessivo de veículos pesados. Se não forem atendidas normas pré-estabelecidas de infra-estrutura necessária, pode-se comprometer de maneira acentuada o meio ambiente, com alterações na paisagem, na topografia, no sistema hídrico e na conservação dos recursos naturais (Brasil, 1994).

A atividade do ecoturismo por outro lado apresenta significativos benefícios econômicos, sociais e ambientais, estes benefícios são os seguintes (Brasil, 1994):

- Geração local de empregos;
- Melhoramento das infra-estruturas de transporte, comunicações e saneamento;
- Diminuição do impacto sobre o patrimônio natural e cultural;
- Melhoria nos equipamentos das áreas protegidas.

Ainda conforme Ruschmann (1997), os impactos ambientais positivos ocorridos nos ambientes naturais estão relacionados à criação de áreas programadas e entidades (governamentais e não governamentais) de proteção da fauna e da flora.

A discussão sobre o ecoturismo no Brasil vem desde 1985, contudo a atividade somente foi ordenada com a criação, em 1987, da Comissão Técnica Nacional, composta por técnicos do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo).

Com a maior preocupação dos impactos sócios ambientais advindos do turismo, surge o planejamento turístico levando em consideração três níveis de análise, os turistas, a população residente e o meio ambiente a fim de haver harmonia na atividade, ou seja, são de fundamental importância a análise do patrimônio histórico e cultural da área, a participação popular, e os aspectos físicos do local.

1.1 Impactos Ambientais do Turismo

De acordo com Ruschmann (1997) nem todas as intervenções do turismo sobre o meio ambiente se traduzem em degradação ou agressão ao meio ambiente. Qualquer mudança social ou econômica pode provocar mutações na relação do homem com seu espaço.

Segundo a autora os impactos do turismo sobre o meio ambiente podem ser:

Impactos ambientais positivos:

- Recuperação psicofísica dos indivíduos;
- Utilização mais racional dos espaços e valorização do convívio direto com a natureza;
- Criação de planos e programas de conservação e preservação de áreas naturais, de sítios arqueológicos e, ainda, de monumentos históricos;
- Empreendedores turísticos investem em iniciativas preservacionistas, para manter a qualidade e conseqüente atratividade dos recursos naturais e socioculturais
- Promove-se a descoberta e a acessibilidade de certos aspectos naturais em regiões não valorizadas, a fim de desenvolver o seu conhecimento por meio de programas especiais (ecoturismo).

- A renda dessa atividade, tanto indireta (impostos) quanto direta (taxas, ingressos), proporciona as condições financeiras necessárias para a implantação de equipamentos e outras medidas conservacionistas.

Impactos ambientais negativos:

- O turismo implica na ocupação e na destruição de áreas naturais que se tornam urbanizadas e poluídas pela presença e pelo tráfego intenso de turistas;
- Poluição visual provocada pela construção de equipamentos turísticos modifica o meio, descaracterizando a paisagem;
- Poluição do ar, provocada pelos motores, produção e consumo de energia;
- Poluição da água provocada por: descarga de águas servidas *in natura*, falta ou mau funcionamento dos sistemas de tratamento; descargas de esgotos de iates de recreio, gases emitidos por barcos a motor;
- Poluição sonora;
- Destruição da fauna e da flora; etc.

2. ECOTURISMO

O ecoturismo surgiu do interesse do indivíduo em conhecer os segredos da natureza e a sensação que eles produzem. Os naturalistas, desde o século XVI até a atualidade, associados aos ambientalistas, membros dos Partidos Verdes e as ONG's (Organizações Não Governamentais), são interessados na conservação e na defesa da natureza (SEBRAE, 1995).

A partir dos anos 60, novos estilos de comportamento humano e modelos de sociedade ocorreram devido a manifestações de caráter cultural e político/ideológicas. Com isso surge a necessidade de novas formas de relacionamento do homem com a natureza. No turismo esta tendência impulsionou o surgimento de propostas alternativas, voltadas para a natureza e para os valores étnico-culturais das regiões.

Neste período, pesquisas desenvolvidas sobre os ambientes naturais e ecossistemas de regiões intertropicais do planeta e a publicidade de seus resultados, começaram a despertar interesse pelo conhecimento desses destinos nas camadas sociais mais esclarecidas e interessadas pelo tema. Muitos dos voluntários aventureiros empreenderam suas invasões em ambientes inabitáveis e naturais em busca de emoções especiais, tornando-se a geração pioneira, nos tempos contemporâneos dos milhões de turistas de natureza e ecoturistas da atualidade (Pires, 1997).

No Brasil destacou-se o Centro Excursionista Universitário, formado nas dependências da USP em São Paulo, que tem reunido jovens universitários ou não,

idealistas e amantes do contato com a natureza e da prática de atividades como *trekking*, acampamento, montanhismo, etc. Dessa geração surgiram, nos anos 80, os primeiros investidores no negócio de agências de turismo ecológico em São Paulo (Pires, 1997).

A partir da década de 70, fora do Brasil, o engajamento em viagens com maior significado, além do simples relaxamento, passou a ser iniciativa regular, originando o *turismo alternativo*, assim denominado na época. Por ele, grupos de turistas originários de países desenvolvidos passaram a praticar o chamado "turismo da descoberta" em destinos distantes e exóticos. Essa experiência garantia ao turista um conhecimento das condições de vida das localidades visitadas (Pires, 1997).

Em meados dos anos 80, começaram a surgir as primeiras agências de ecoturismo, especialmente na cidade de São Paulo, cujos empreendedores acreditavam que o turismo desenvolvido em ambientes naturais seria uma forma alternativa de crescimento pessoal interior e de formação de uma consciência ambiental e ecológica (Pires, 1997).

No Brasil, foi no final dos anos 80 e início dos anos 90 que o ecoturismo tomou impulso, tornando-se muito mais freqüentes as viagens de aficionados do acampamento. A EMBRATUR passa então a promover roteiros ecológicos, enquanto algumas empresas do ramo procuram dinamizar suas atividades, principalmente em áreas como o Pantanal, cidades serranas e hotéis fazenda.

2.1 Definições

Existem vários autores e instituições que conceituam o ecoturismo de forma diferenciada, mas sempre com a mesma intenção e objetivo, ou seja, preservar o meio ambiente. A seguir, alguns conceitos mais fluentes estão dispostos em ordem cronológica para que possamos melhor compreender sua evolução:

"Turismo ecológico é aquele que se dedica a viagens para áreas naturais não perturbadas e não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e gozar a paisagem, suas plantas e animais selvagens, assim como as culturas passadas ou presentes que possam ter existido nessas áreas".(Ceballos-Lascuráin, 1987, apud Pires, 1997).

Ecoturismo é um segmento do turismo inspirado primeiramente pela história natural de uma área, incluindo sua cultura nativa. O ecoturista visita áreas relativamente desenvolvidas com um espírito de participação, apreciação e sensibilidade. Os ecoturistas praticam o uso não consumista da vida silvestre e de recursos naturais, contribuem para a área visitada mediante a geração de empregos e financiamento direto para a conservação do lugar e a melhoria da economia das comunidades locais. (Ziffer, 1989).

"Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a consciência ambientalista através da interpretação do ambiente,

promovendo o bem-estar das comunidades envolvidas”.

(EMBRATUR/IBAMA, 1994, apud Pires, 1997).

Ecoturismo é a prática de turismo de lazer, esportivo ou educacional, em áreas naturais, que se utiliza, de forma sustentável, dos patrimônios natural e cultural, incentiva sua conservação, promove a formação de consciência ambientalista e garante o bem-estar das populações envolvidas." (IEB, 1996).

Esta recente facção do turismo como um componente lógico de desenvolvimento sustentável requer um método multidisciplinar de ser encarado, planejamento cuidadoso, tanto gerencial quanto físico, e rigorosas normas e regulamentos que irão garantir essa sustentabilidade.

"Como economia sustentável, o ecoturismo é uma barreira a destradiconalização cultural, uma amálgama entre a tradição e a natureza, um elo existencial e vivo entre o local e o global, mas é, sobretudo uma reestruturação social fundada no diálogo inteligente no interior das comunidades envolvidas e o desfrute dos bens naturais pela humanidade sem fronteira".(Cordeiro, 1997).

Mas para que o ecoturismo aconteça, em primeiro lugar é preciso verificar se as possibilidades de se realizar esta atividade são reais. Em segundo lugar, é necessário criar-se uma cultura ecoturística. Essa cultura abrange desde a capacidade de identificar as diversas potencialidades até a capacidade de explorar os bens naturais,

condicionada a não extravasar os limites de linha a partir de onde começa a preservação.

2.2 Impactos do Ecoturismo

A seguir apresenta-se os principais impactos positivos e negativos do ecoturismo, contudo ressalta-se que os impactos negativos podem ser minimizados e os impactos positivos potencializados.

2.2.1 Impactos Positivos

- Geração de emprego e renda;
- Fixação das populações locais graças à geração de empregos e renda;
- Melhoria de equipamentos urbanos e de infra-estrutura;
- Melhoria do nível sócio-cultural das populações locais;
- Intercâmbio de idéias, costumes e estilos de vida;
- Valorização e preservação do patrimônio histórico;
- Sustentação econômica da UC;
- Integração de UC com as populações locais;
- Informações sobre o meio ambiente;
- Campanhas e programas de educação ambiental para crianças, adultos, ecoturistas e moradores;
- Desenvolvimento do orgulho étnico;

- Ambientalistas engajados nos programas de ecoturismo;
- Aumento da oferta de atividade de lazer e recreação;
- Ampliação da capacidade de fiscalização;
- Criação de planos e programas de conservação e preservação;
- Controle sobre grupos organizados;
- Divulgação da UC.

2.2.2 Impactos Negativos

- Descaracterização do artesanato;
- Vulgarização das manifestações tradicionais;
- Arrogância cultural;
- Destruição do patrimônio histórico;
- Aumento do custo de vida;
- Supervalorização dos bens imobiliário e conseqüente perda da propriedade de terras, habitações e meios de produção por parte das populações locais;
- Substituição de ocupações tradicionais por subempregos;
- Esgotamento do solo e transformação negativa da paisagem pela implantação de construções e infra-estrutura
- Geração de fluxos migratórios para áreas de concentração turística;
- Adensamentos urbanos não planejados e favelização;
- Incremento do consumo de recursos naturais podendo levar ao seu esgotamento;

- Aumento do consumo de combustíveis para os deslocamentos
- Poluição do ar, visual e dos recursos hídricos;
- Ruído;
- Perturbação da fauna e da flora;
- Liberação de gases de combustão;
- Vandalismo;
- Alteração da qualidade estética da paisagem,
- Aumento da produção de lixo e detritos nas localidades receptoras;
- Alteração de ecossistemas naturais devido à introdução de espécies exóticas de animais e plantas;
- Estímulo ao consumo de souvenir produzido a partir de elementos naturais raros;
- Perda de valores tradicionais em consequência da homogeneização das culturas;
- Pisoteamento, compactação, erosão e abertura de atalhos em trilhas;
- Depredação da infra-estrutura, de atrativos e elementos naturais;

2. 3 Ecoturismo no Distrito Federal

O Distrito Federal se apresenta como núcleo emissor de turistas, mesmo apresentando infra-estrutura e potencial, como por exemplo, para o turismo cívico. Essa inclinação demanda pesquisas para conseguir promover um turismo interno constante e mais intenso.

A trajetória do ecoturismo no Distrito Federal é recente, sendo percebida por alguns proprietários do distrito Federal. Estes conseguiram enxergar um novo potencial de mercado, que cresce a cada dia no mundo inteiro: o turismo rural e o ecoturismo, e assim começaram a empreender em suas propriedades.

De acordo com Cardoso 2001:

“A expansão das atividades de turismo no distrito Federal estão diretamente ligadas à consolidação de um mercado de trabalho que tem como elemento central à formação de profissionais para a atuação na área, isto é, trata-se de um processo que é consequência direta da grande expansão do turismo como atividade econômica profissional no Brasil”.

O caráter profissionalizante tornou-se o ponto de partida para estudos que visem melhorar as condições da atividade ecoturística no Distrito Federal. Os primeiros empreendedores na sua maioria não eram profissionais da área e não procuravam desenvolver ações de planejamento na implantação de suas propriedades.

Ainda segundo Cardoso 2001, o setor cresceu muito e tende ainda a crescer. As questões ambientais, o envelhecimento médio da população (este um fenômeno mundial) e o aumento da renda nos países desenvolvidos apontam para a necessidade de criação de novos nichos de exploração das atividades turísticas.

Pode ser verificado que muitos dos locais que possuem atividade de visitação não possuem planejamento turístico, infra-estrutura e facilidades, tais como bares, lojas de *souvenirs*, restaurantes, acomodações, dentre outros. É comum as pessoas que administram esses estabelecimentos não serem treinadas para o turismo, e a comunidade local não esta preparada para esta nova atividade.

De modo geral, o modelo de ecoturismo no Distrito Federal, salvo algumas exceções, apresenta as seguintes características:

- Amadorismo;
- Confusão entre o turismo rural e o ecoturismo;
- Busca por rendimento em curto prazo, fruto da visão mercadológica;
- Não utilização de monitoramento e estudos adequados para o planejamento, implementação e gestão do empreendimento;
- Pouco ou quase nenhum envolvimento com as comunidades locais e
- Utilização de técnicas inapropriadas aos preceitos do ecoturismo e do desenvolvimento sustentável.

Contudo, verifica-se a busca por um turismo em ambiente natural que possa criar e seguir os princípios do ecoturismo.

3. METODOLOGIA

A pesquisa na área específica do turismo, por ser um assunto novo, cujas raízes vêm se fortalecendo e se expandindo recentemente, ainda pouco se verifica uma tradição de métodos com o devido rigor científico das normas que precisam ser adotadas na preparação do assunto. Mas de modo geral e como aborda Dencker (1998), metodologia é a maneira concreta como se realiza a busca do conhecimento, isto é, o que fazemos para adquirir o conhecimento desejado de maneira racional e eficiente.

Com o crescente desenvolvimento do setor turístico e as perspectivas de sua projeção, observa-se tentativas de delimitação de regras pautadas na área do conhecimento humano.

A presente pesquisa utiliza técnicas e métodos já conhecidos e fundamentais para o desenvolvimento e caminhar de um estudo científico.

A área de estudo é o empreendimento particular Poço Azul, onde foi realizado um estudo de caso, isto é, trabalho de campo em situações típicas (usuais) onde se buscam respostas. Enfatizando a importância e frequência deste método, cita-se Lage (2000): “Estudo de caso no turismo tem-se tornado uma estratégia metodológica exploratória e descritiva bastante usual por estudantes, tendo em vista o problema a ser

investigado, contribuindo para a difusão das múltiplas experiências que a complexa atividade turística incorpora”.

Foram realizadas duas visitas de campo para coleta de dados. A primeira no dia vinte e dois de maio de dois mil e quatro, para simples observação. Esta observação se deu de forma não-estruturada, com o objetivo de registrar os fenômenos ou acontecimentos como e na medida em que ocorrerem.

Esta visita teve duração de aproximadamente quatro horas, do período de duas a seis horas da tarde. Os dados foram registrados através de máquina fotográfica digital e por uma caderneta de campo.

A segunda visita ocorreu no dia treze de junho de dois mil e quatro onde foram aplicados dois questionários (em anexo). Cabe salientar que segundo Dencker (1998) a finalidade do questionário é obter, de maneira sistemática e ordenada, informações sobre as variáveis que intervêm em uma investigação.

O primeiro questionário foi para identificar e inventariar a infra-estrutura básica, infra-estrutura turística, acesso, atrativos e dados referentes à estrutura organizacional do empreendimento.

O questionário seguinte refere-se basicamente ao perfil sócio-econômico dos visitantes, pois o estudo recente de Souza (op. cit.) consta dados referente à pesquisa de opinião/sugestões dos visitantes.

A amostragem foi delimitada a partir da pesquisa anterior de Souza, que registrou o índice de cento e vinte visitantes por dia no final de semana. Foram entrevistados trinta visitantes, ou seja, vinte e cinco por cento dos freqüentadores. O final de semana foi o período escolhido para aplicação dos questionários, pois geralmente é quando tem o maior número de visitantes, sendo que os entrevistados foram abordados de forma aleatória.

Os questionários aplicados foram baseados no Manual do Ecoturismo da WWF, 2003. Estes foram elaborados com perguntas abertas e fechadas. Nas perguntas com respostas abertas às pessoas responderam livremente, com suas próprias palavras, falando e sendo transcrita na íntegra e posteriormente codificada pelo pesquisador.

Nas perguntas com respostas fechadas existiram alternativas limitadas de escolha, ou seja, dicotômica e respostas do tipo múltipla escolha. E ainda foram utilizadas perguntas filtro.

Para apoiar e fundamentar o estudo utilizou-se fontes primárias e secundárias, sendo a pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de material já elaborado, como: livros e artigos científicos, isto é, levantamento e revisão da literatura existente para

elaboração conceitual e definição do marco teórico. Outro meio foi à pesquisa documental. Citações não pertinentes ao marco teórico ou pertinente a pontos específicos serão incluídas no decorrer do texto

De modo geral, este estudo é uma pesquisa qualitativa com abordagem aprofundada.

4. RESULTADOS

4.1 Caracterização da Área

O rio da Palma forma um grande poço com água cristalina e azulada, além de cascatas, corredeiras, cachoeiras e uma caverna inundada. O terreno é acidentado e oferece uma belíssima vista da Chapada da Vendinha.

A mais conhecida cachoeira e poço de Brasília desde os anos 1970 situa-se no rio da Palma, na APA de Cafuringa.

Na década de 1980 a atividade turística descontrolada impactou o meio ambiente. Mas com a declaração de monumento natural que ocorreu em 1990, o Poço Azul passou a ser um local de visitação controlada, onde as pessoas que têm o domínio de posse na área cobram uma pequena taxa e cuidam da conservação.

Outra ação impactante para a área foi desmatamento ocasionado por grileiros, cujo intento de construir o condomínio Morada dos Pássaros foi impedido pela Secretária de Meio Ambiente em 1996, pois prejudicaria todas as nascentes do rio da Palma e portanto o monumento natural. Houve depois uma invasão de sem-terras, que foi removida.

Lugar muito bonito, com corredeiras, trechos de rio calmo e ao final um poço ideal para banho, mas bastante perigoso, devido à profundidade de 14 metros e presença de pedras.

4.1.1 Localização

A propriedade é chácara Poço Azul encontra-se no Núcleo Rural Rodeador Morada do Pássaros I, Brazlândia- DF.

A localização exata de acordo com Souza (2003) é longitude 48° 03' 16" W, latitude 15° 36' 03" S e altitude de 1.220 acima do nível do mar.

Chega-se até o Poço Azul, partindo do Alto do Colorado, pela DF-001 (Lago Oeste), até o trevo com a DF-220. Vira-se à direita nesta estrada de terra, onde logo depois se avistam placas de sinalização, nas proximidades de alguns eucaliptos. Seguindo-se as placas chega-se até um portão, junto à sede da fazenda, podendo descer de carro até mais perto do rio. Outro percurso é pela Via Estrutural, em direção a Brazlândia, até a estrada para a estação da Radiobrás. Entrar à direita, seguir até uma bifurcação após o Texas Montaria Country Clube, entrar novamente à direita e seguir até localizar a placa indicativa.

4.1.2 Mapa



Fonte: www.eco.tur.br/ecoguias/planalto/mapas/df

4.1.3 Vegetação

Encontra-se no Poço Azul uma grande diversidade de fitofisionomias do cerrado, como: campo limpo, campo sujo, cerrado típico, mata de galeria e mata ciliar. Mas essa porção do bioma cerrado já está passando por sensível degradação.

4.1.4 Taxa de Entrada

Para conhecer o Poço Azul é cobrada uma taxa para manutenção do local, sendo estas nos valores citados na tabela abaixo:

Tipo de Transporte	Número de pessoas	Valor em R\$
Vans e Microônibus	Até 20 pessoas	35,00
Kombis e Camionetes	Até 10 pessoas	25,00
Carro	Até 5 pessoas	15,00
Moto	Até 2 pessoas	10,00
Bicicleta	Por pessoa	8,00
Pedestre	Por pessoa	8,00

Os valores acima citados tem desconto de R\$ 5, caso os visitantes tragam o seu lixo de volta. Mas observou-se que esta prática não existe, pois já na entrada é oferecido o desconto sem a certeza que os usuários trarão o lixo produzido de volta.

4.1.5 Horário de funcionamento

A propriedade fica aberta para visitação de segunda-feira a domingo, de sete horas às dezenove horas. Contudo, não existe controle sobre a saída dos visitantes, pois não há monitores ou guias acompanhando-os.

4.2 Perfil dos Visitantes

Por meio de questionário (em anexo), foi possível conhecer, adquirir mais informações e delimitar peculiaridades dos visitantes que freqüentam o Poço Azul. Algumas dessas características encontram-se a seguir.

No Poço Azul existe diferentes origens entre os visitantes. Visto que 26% são de Samambaia, 20% Gama, 17% Plano Piloto, 20% Taguatinga, 16% Santa Maria e 7% Brazlândia.

Os números demonstram que não existe uma grande incidência prevalecendo. E que apesar da distância do destino, existe procura freqüente.

Um dado significativo é o número pouco expressivo de moradores de Brazlândia freqüentando a propriedade, haja visto que é a cidade que se encontra a área acima citada e onde possui poucas alternativas de lazer.

A maioria dos freqüentadores são pessoas do sexo masculino com 80%. Esse dado demonstra que este tipo de atrativo provoca interesse menor pelas mulheres, sendo de 20%.

Outro aspecto identificado é que a idade dos visitantes oscila de quinze a trinta anos, significando um público jovem propenso a atividades físicas que exigem mais esforço e preparo físico.

Todos os entrevistados são solteiros, indicando a disponibilidade para desafios, atividades com certo risco e possibilidade de pernoite.

As companhias identificadas por meio do questionário foram duas; famílias e amigos 33%, e grupos de amigos 67%. Entende-se com isso que este ambiente pode não ser propenso propício para atividades individuais.

Constatou-se também que a média de acompanhantes por pessoa foi de cinco pessoas. Acredita-se que este resultado se dá por a maioria dos freqüentadores virem de automóvel. Os transportes mais usuais são carros com 70%, vans 15% e motos com 15%.

Dos visitantes 47% eram reincidentes, freqüentadores que ali estavam pela primeira vez foi de 53%. Essa informação reforça a questão do potencial do Poço Azul como atrativo, pois existem pessoas retornando com freqüência e outras pessoas interessadas em conhecer. O tempo médio da visita encontrado foi de seis a oitos horas, ou seja, durante o dia inteiro.

O período de maior visita são os finais de semana com 67% e feriados com 33%. Cabe lembrar que este empreendimento é procurado durante a semana, mais este número é pouco expressivo.

O local como está vem atendendo as expectativas dos visitantes, pois 100% dos entrevistados disseram que a experiência no local atendeu os seus anseios.

Dos entrevistados 53% possuem primeiro grau completo, 7% segundo grau incompleto, 20% segundo grau completo, 20% terceiro grau incompleto. E a maioria dos entrevistados são empregados privados com 46%, estudante 40%, desempregado 7% e profissional liberal 7%.

As atividades praticadas que foram identificadas através dos questionários são : contemplação com 17%, banho com 49%, relaxamento 17% e diversão 17%.

Foi unânime o interesse dos visitantes em retornar. Demonstrando que a situação atual do lugar não é mais significativo que a beleza dos atrativos naturais.

O perfil identificado a princípio confronta-se com o perfil de ecoturistas, pois os interesses, as motivações e as expectativas dos ecoturistas são variados e podem ser o de estudo, curiosidade, relaxamento, conhecer diferentes paisagens, tirar fotografias, fazer filmagens, dentre outros. Lembrando que estas características podem aparecer isoladamente ou combinadas entre si.

Outras características não observadas entre os atuais freqüentadores é que são fundamentais para os ecoturistas são: a preocupação com a qualidade do ambiente, a qualidade de vida da comunidade, e muitas vezes a disposição em contribuir, isto é, interagir e/ou consumir os produtos locais.

Identificar as devidas características dos freqüentadores é necessário, pois conhecendo o visitante pode-se definir com mais precisão o produto e a que público alvo este é destinado.

4.3 Infra-estrutura Básica

A infra-estrutura básica de um destino ecoturístico também é elemento importante para viabilização da atividade. Desta forma, a infra-estrutura é uma pré-condição para o desenvolvimento do ecoturismo.

Os quesitos relacionados por Ignarra (1999) sobre infra-estrutura básica são: acesso (rodovias); saneamento (captação, tratamento e distribuição de água, despejo de esgotos, coleta e tratamento de lixo); energia; comunicações; transporte, vias urbanas de circulação; capacitação de recursos humanos; alimentação; saúde, e etc.

Para o presente trabalho será abordado a seguir itens considerados importantes e que influenciam diretamente o andamento do empreendimento.

4.3.1 Acesso

O acesso a propriedade dividi-se em pavimentado e não pavimentado. Tendo como referencial a entrada de Brazlândia, são 9 km pavimentados e 17 km não pavimentados. De modo geral, encontra-se em bom estado, mas o percurso não pavimentado na poligonal da propriedade está em má condição, com desníveis de terra e buracos, dificultando o acesso por automóveis.

Outro obstáculo que dificulta o acesso é o transporte coletivo, pois não existe uma linha que chegue próximo a propriedade, somente até o meio do percurso, excluindo assim pessoas sem outro tipo de veículo disponível.

4.3.2 Recursos Humanos

No empreendimento existem cinco funcionários, dentre eles o administrador Raimundo Nonato. Os funcionários estão divididos em duas famílias.

O trabalho realizado pelos funcionários não exige grau elevado de conhecimento, pois as tarefas realizadas são de caseiro, porteiro e por ventura de guia, dependendo do visitante.

4.3.3 Lixo

O lixo produzido dentro da propriedade é queimado, pois não existe coleta de lixo periódica e muito menos coleta seletiva.

Somente na entrada é possível encontrar latões de lixo. Mas ao chegar na portaria o visitante é convidado a trazer o seu lixo de volta. Contudo não existe tratamento e nem destinação especial para nenhum tipo de lixo.

Estes resíduos também são encontrados em trilhas, na mata, nos cursos d'água (figura 7, em anexo) próximo deles. Esta ação desencadeia uma série de impactos, tanto visuais como ambientais.

4.3.4 Banheiros

O empreendimento não conta com a infra-estrutura de banheiros adequada para os visitantes. Pode-se encontrar dois banheiros deteriorados que não tem condições de serem utilizados (figura 5, em anexo).

A resultante desta situação é refletida em dejetos encontrados entre as trilhas, beiras de curso d'água e mau cheiro.

4.4 Infra-estrutura turística

Percebeu-se que a infra-estrutura turística é inadequada, isto é, utiliza-se à infra-estrutura existente sem adquirir o formato turístico, confirmando assim uma infra-estrutura sem o devido planejamento.

Consta a seguir alguns itens da infra-estrutura turística existente na propriedade.

4.4.1 Portão de entrada

O portão de entrada é fruto da falta de investimento, se encontra em má situação, deteriorado.

4.4.2 Sinalização

A sinalização que se encontra na propriedade são placas informativas no portão de entrada com preço e placa de alerta (placas que tem a função de chamar a atenção dos visitantes) sobre bebida alcoólica.

Seguindo dentro da fazenda existe uma placa direcional orientando o visitante sobre o percurso.

As placas existentes estão apagadas, não são de material adequado, isto é, de acordo com o Guia de Sinalização Turística existem vários materiais que podem ser utilizados na confecção dessas placas. Deve-se optar pelo material que melhor se adapte ao ambiente natural, as condições tecnológicas de produção e na disponibilidade de recurso financeiro. As placas também não possuem as informações necessárias e de forma correta, pois o texto, sempre que possível, deve estar dividido em blocos com títulos ou subtítulos, ser sintético, interessante e de preferência, vir acompanhado de ilustração.

4.4.3 Informação

A informação é insuficiente, pois não existem pessoas disponíveis e especializadas para tal função.

Cabe ressaltar que um empreendimento ecoturístico além de oferecer atrativos diferenciados apresenta-se informações qualitativas que ultrapassam o limite poligonal da propriedade, pois se abordam a questão de educação ambiental, conservação, preservação, sócio-cultural, histórica, ou seja, vai além da divulgação do produto como *marketing* e da orientação referente ao que a propriedade oferece.

4.5 Atrativos

Os atrativos encontrados no Poço Azul foram cachoeiras, corredeiras, piscinas, um poço e trilhas.

As corredeiras e o poço possuem cor verde turva (figura 4, em anexo). Já as cachoeiras e piscinas possuem cor verde cristalina.

Todos atrativos correspondem à água, com temperatura fria e com possibilidade para banho.

Contudo não se percebeu preocupações com a qualidade da água e com práticas que prejudiquem esta, a exemplo, os visitantes passam constantemente bronzeadores e banha-se nas águas.

Os atrativos também estão perdendo com a prática de churrascos, além de cortar árvores para o fogo são feitos a margem dos atrativos e ali ficam os resíduos produzidos.

4.5.1 Trilhas

Existem duas trilhas definidas, uma que vai até o poço e que segue até a cachoeira chamada pelos visitantes de suicida. A outra trilha leva até as piscinas

naturais. Cabe ressaltar que nenhuma das trilhas é interpretativa, isto é, não constitui um instrumento educativo e não desenvolve aos usuários um novo campo de percepção.

A primeira trilha citada exige esforço demasiado devido sua inclinação (figura 3, em anexo), falta de ponto de apoio e muitas pedras. São aproximadamente dois km, e de acordo com a classificação da *Free Way Adventures* (WWF, 2003) operadora possui intensidade semi-pesada (figura 1, em anexo) e nível técnico com obstáculos naturais.

A segunda trilha é tranqüila não exige esforço e boa parte do percurso pode ser feito de automóvel. Possui intensidade leve e nível técnico fácil.

4.6 Marketing

Devido a desconjuntura atual a que se encontra a propriedade não se percebeu estratégia de marketing definida. Sabe-se que o poço Azul consta em alguns guias de turismo rural como o do Sebrae, que a Adetur possui material ilustrativo, mas no local não existe nenhum tipo de informação disponível para uso e distribuição entre os visitantes.

O marketing se baseia em mercado/consumidor, essa pratica não foi identificada no local referido, pois 100% dos visitantes que responderam ao questionário aplicado conhecem o lugar através de amigos e parentes.

5. RECOMENDAÇÕES

Com o crescimento do turismo faz-se necessário redefinir o enfoque, metodologia e modelos que atualmente predominam, já que, certamente, a pressão que os grupos cada vez mais numerosos de turistas exercem sobre meio natural e cultural, levam a resultados desastrosos os destinos administrados com esquemas tradicionais. Essa situação consolida graves problemas de saturação e perda de qualidade ambiental.

Seria interessante para o Poço Azul alterar a estrutura vigente, visto que a atividade ecoturística beneficia todos os envolvidos, sendo possível:

- Geração de emprego, renda e estímulo ao desenvolvimento econômico em nível local;
- Estimulo a comercialização de produtos locais de qualidade;
- Mitigar os impactos;
- Possibilidade de melhoria de equipamentos urbanos e de infra-estrutura (saúde, educação, transporte, sanitária, médica, de abastecimento e de comunicação);
- Valorização do artesanato e herança cultural;
- Ampliação dos investimentos voltados à proteção de áreas naturais e bens culturais;

- Sensibilização de ecoturistas e populações locais para a proteção do ambiente;
- Conservação de valores naturais e culturais;
- Circulação de informações sobre o meio ambiente;
- Aumento da longevidade do empreendimento.

Para delimitar um novo caminho para a propriedade em concordância com atividade ecoturística, com os preceitos conservacionistas e melhorar a qualidade da experiência turística algumas alternativas são consideradas viáveis.

A seguir constam algumas sugestões:

5. 1 Infra-estrutura Básica

Para alterar a situação a que se encontra a infra-estrutura básica é prudente e indissociável a formação de parcerias com setor público e privado, nas suas diversas ramificações. Com a finalidade de melhorar o acesso, a segurança, a questão do lixo, capacitação e treinamento profissional e fortalecer a atividade turística.

5. 2 Infra-estrutura turística

Para definir a infra-estrutura turística adequada para o Poço Azul, indica-se modificar o comportamento dos atuais visitantes, de forma que estes tenham uma nova postura diante dos atrativos naturais (conservacionista) e da infra-estrutura, não ocorrendo assim vandalismo e depredação do patrimônio existente.

Acredita-se que inicialmente seja importante a construção de um centro de visitantes, uma nova proposta de sinalização e a prática constante de educação ambiental, pois cada uma destas sugestões tem uma finalidade determinada e fundamentada pelos princípios do ecoturismo.

5.2.1 Centro de Visitantes

O centro de visitantes é onde os turistas são recepcionados e ali são envolvidos por informações pertinentes ao espaço físico, a condutas, a fauna e flora, sobre os recursos hídricos, educação ambiental e outros. Podendo ser adotado por empreendimentos ecoturísticos

O artigo 32 do decreto nº 84.017 de 21 de setembro de 1979 dispõe sobre o que compõem os Centros de Visitantes, sendo que em tese seria de museus, de salas de exposições e de exibições, onde se realizaria atividade de interpretação da natureza,

com a utilização, de meios audiovisuais, objetivando à correta compreensão da importância dos recursos naturais.

Para facilitar a compreensão dos turistas são utilizados nos centros de visitantes alguns recursos como: painéis, maquetes, mapas, fotografias, vídeos entre outros.

De acordo com o IBAMA, faz parte dos objetivos dos centros de visitantes propiciar a aproximação dos visitantes com a natureza, permitindo que estes interiorizem o significado das áreas protegidas, sua importância em termos de conservação, manejo e aproveitamento indireto dos recursos naturais e culturais.

Com a criação do centro de visitantes outras atividades poderão ser desenvolvidas em parceria com a propriedade, pode vir a ser um centro cultural além de buscar sensibilizar os visitantes para as questões ambientais.

5.2.2 Sinalização

A sinalização referente à atividade ecoturística direciona e auxilia a interpretação do meio ambiente, como por exemplo, em trilhas, ou seja, é composta por placas direcionais e placas interpretativas, contendo informações históricas, científicas e visuais, como mapas e desenhos.

Com isso considera-se a sinalização um recurso indispensável e urgente à incorporação para os fins do ecoturismo.

5.2.3 Educação Ambiental

Para que ocorra o ecoturismo torna-se imprescindível o desenvolvimento da educação ambiental. Esta deve ser implementada para as populações locais direta ou indiretamente envolvidas na atividade e também para os visitantes e/ou turistas.

Para as primeiras, pelo fato da possibilidade da obtenção da manutenção e melhoria dos atrativos naturais e antrópicos existentes na localidade e para os turistas, pela possibilidade de se promover a conscientização e sensibilização, exportando uma nova percepção do meio ambiente.

De acordo com Leite (2001) as discussões em relação à educação ambiental geraram o princípio da educação ambiental, do qual deve-se destacar:

“A educação ambiental é um componente de todo pensamento e de toda atividade, da cultura, no mais amplo sentido da palavra, seu fundamento é a estratégia de sobrevivência da humanidade e de outras formas da natureza”.

Para Quintão (1990), a educação ambiental, para o desenvolvimento do ecoturismo, deve ser iniciada nas escolas, por meio da educação formal, não formal e

informal, preparando os estudantes para a cidadania, para que os mesmos estejam sensibilizados para a proteção do patrimônio natural e cultural.

Diante disso, é fundamental na implantação de um empreendimento ecoturístico um prévio planejamento para a implementação da educação ambiental que considere as especificidades sociais, econômicas, culturais e naturais do local. Devido a este fato, a gestão tem que ter a participação das comunidades locais, além da orientação por parte de técnicos ligados ao tema.

A educação ambiental é um benefício gerado pela atividade ecoturística, no entanto sua consecução pode enfrentar dificuldade devida a trabalhosa tarefa de se obter uma mudança de comportamento das pessoas envolvidas, que geralmente somente ocorre depois de sua sensibilização. Mas sem duvida é indissociável da prática do ecoturismo.

5. 3 Marketing

Considera-se necessário para o Poço Azul um plano de marketing potencializado nos preceitos do ecoturismo, contando com a fragilidade, integridade e autenticidade do local.

Ao contrário do turismo convencional, difundido por meios de comunicação massivos e que são altamente impactantes no núcleo receptor, o plano de marketing

para o ecoturismo prescinde, sobretudo, no desenvolvimento de um produto que gere o menor impacto possível no ambiente e na cultura local. Não faz sentido, dentro de um plano de marketing de um produto ecoturístico, a venda de pacotes para grupos numerosos e sem consciência ambiental. Deve-se, sim, dentro de uma visão de desenvolvimento sustentável, estimular a venda e a utilização de produtos e dos serviços locais.

5. 4 Atrativos

Os recursos naturais serão automaticamente beneficiados e conservados com a mudança de comportamento dos visitantes, mas mesmo assim é aconselhável à fiscalização e monitoração constante do estado que se encontra a fauna, flora, solo e os cursos d'água (é necessário o acompanhamento da qualidade da água).

5.4.1 Trilhas

Considerando os tipos de atrativos, tamanho das trilhas e as características do público do ecoturismo é aconselhável trilha autoguiada para o Poço Azul, sendo esta de acordo com Moraes (2000) uma atividade interpretativa em uma rota específica, ao largo da qual o turista é autônomo enquanto a condução, e as características existentes são explicadas de várias maneiras, ou seja, são trilhas com pontos de parada marcados

onde o visitante, auxiliado por placas, painéis ou por folhetos contendo informações em cada ponto, explora o percurso sem o acompanhamento de um guia.

Neste mesmo contexto, pondera-se que para a elaboração da trilha autoguiada, deve-se considerar alguns pontos, como: reconhecimento da área, estabelecer objetivos; considerar o público visitante; a capacidade de carga, o itinerário a ser percorrido; esquematizar a rota; tipo de rota; fatores interpretativos, fatores físicos, distância; tipo de relevo; obstáculos; acesso e sinalização.

Propõe-se para a área em questão a formatação de uma trilha interpretativa autoguiada, com o aproveitamento das existentes, sempre visando à segurança, proporcionando o enriquecimento da qualidade da visita e a sensibilização ambiental, sendo que a trilha deve ser formatada por um profissional.

Para otimizar a qualidade da trilha seria interessante o uso de placas informativas e descritivas a respeito das trilhas, do tipo de vegetação, de fauna e de flora, da descrição física das cachoeiras com a profundidade, altura e grau de perigo.

CONCLUSÃO

O Turismo vem sofrendo inovações constantes, em virtude das exigências do mercado, isto propiciou a segmentação da atividade turística, dando lugar aos diversos segmentos, dentre eles o ecoturismo; que surge da necessidade de se conciliar o turismo com práticas conservacionistas em harmonia com a natureza.

Contudo, ainda não se conseguiu conciliar conservação com a apropriação da natureza; ou seja, toda forma de intervenção ao meio, causa algum tipo de dano ao mesmo.

Atualmente, milhares de pessoas buscam os ambientes naturais para atividades de lazer, que vão desde um simples passeio até a prática de esportes de natureza. Com isso os donos de áreas com atributos naturais, culturais e históricos relevantes, perceberam o turismo como uma nova fonte de renda.

Esses ambientes exigem um cuidado especial, pois o equilíbrio ecológico depende da consciência de cada visitante e da maneira que é gerida a atividade no local.

Geralmente, em ambientes naturais o ecoturismo é a atividade turística sugerida, haja visto o seu conceito e princípios em busca da sintonia com a conservação ambiental. Mas, para incorporar o ecoturismo e manter o equilíbrio,

pressupõe uma atividade sustentável observando todos os seus pilares, sendo que estes são: econômico, social, cultural, espacial e ecológico.

Entretanto, verificou-se que a atividade praticada na fazenda Poço Azul não se enquadra com os princípios da atividade ecoturística, aliás situação comum, pois como afirma Boo (1992), existe uma carência de destinações que demonstrem todos os princípios do ecoturismo e que demonstrem como o turismo, por si só, pode promover conservação e desenvolvimento sustentável.

Porém, no Distrito Federal e Entorno, o ecoturismo se desenvolve, mas ele por vezes é apenas formalmente reconhecido. Mas para a maioria dos locais, a razão pelo qual o ecoturismo não prospera e que essas áreas não estão prontas para tal atividade, este é o caso do Poço Azul.

Identificou-se falhas estruturais que permeiam desde a infra-estrutura básica até a infra-estrutura turística, e estas desencadeiam um destino contrário ao ecoturismo. A exemplo: falta de segurança, vias inadequadas, falta de banheiros, carência de guias e/ou condutores de visitantes, carência da comunidade local, inexistência de educação ambiental, capacidade de carga não delimitada, sinalização inadequada, trilhas sem formatação.

Para modificar a situação atual há de se determinar um plano de ação, constando todas as alterações necessárias.

Seria ideal o fechamento provisório da área para as devidas mudanças, mas como a área em questão está prestes a ser poligonal do Parque Nacional de Brasília, pois existe um acordo entre o GDF- Governo do Distrito Federal e o IBAMA, acredita-se que será desenvolvido um plano de uso público e modificações serão feitas de acordo com preceitos ambientais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, J.V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.

ARANHA, Rodrigo Paiva. **Procedimentos para Sinalização em Áreas Naturais: Gruta do Volks Clube como Exemplo**. Monografia (Graduação em Turismo com Ênfase em Ecoturismo). Brasília, FTB, 2003.

BOO, Elizabeth. The Ecotourism Boom: Where do we go from here? On-site Planning and Creating Models. In: **Proceedings of the 1992 world Congress on Adventure Travel and Eco-tourism**. Canada: The Adventure Travel Society Inc., 1992.

BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: MICT/MMA - EMBRATUR/ IBAMA, 1994.

CARDOSO, Manoel. **Projeto Turismo no Cerrado: Relatório Final**. Brasília, 2001.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro comum**. Fund. Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1988.

COELHO, A.K. "**Ecoturismo - uma opção de desenvolvimento sustentável em Santa Catarina**". Florianópolis, 1995. Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina.

CORDEIRO, Marcelo. Ecoturismo: Sociedade e Governo. **World Ecotour'97 Magazine**, Rio de Janeiro, p.32. 1997.

DECRETO FEDERAL, Nº 84.017 de 21 de setembro de 1979.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

EMBRATUR. **Turismo sob a ótica dos monitores municipais**. Organização: Mirian Rejowski, Brasília, 1996.

IEB - Instituto de Ecoturismo do Brasil. **Folheteria**, 1996.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

GÓMEZ, Manuel J.M. et al. **Planificación y desarrollo del ecoturismo**. Cuba: Estudios Turísticos, 1993.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César (Org). **Turismo**: Teoria e Prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LEITE, Ana Lucia Torres de Aquino. **Educação Ambiental**: Curso Básico a Distância. Brasília: MMA, 2001.

Meu Negócio é Turismo. Ministério do Esporte e Turismo EMBRATUR.

MITRAUD, Sylvia (Org). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária**: Ferramentas para um Planejamento Responsável. Brasília: WWF Brasil. 2003.

MOLINA, Sergio E. **Turismo e Ecologia**. Trad: Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: Edusc, 2001.

MORAES, Werter Valentim. **Ecoturismo**: Capacitação de profissionais. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.

OLIVEIRA, Raquel da Silva. **Ecoturismo**: Código de Conduta para os Praticantes. Monografia (Graduação em Turismo com Ênfase em Ecoturismo). Brasília, FTB, 2004.

O Turismo no Brasil: Principais Evoluções: 1995/2002. Ministério do Esporte e Turismo e EMBRATUR.

PIRES, P. S. **Ecologia e turismo**. Monografia (Pós-Graduação em Nível de Especialização em Administração de Turismo) - INPG, FURB; ESTHF, 1997.

QUINTAO, A. S. F. **Ecoturismo**: Uma Alternativa do Novo Modelo de Desenvolvimento. Revista Brasil Florestal, Brasília, v17, n. 69, p 15, 1990.

RIBEIRO, Danielle Fernandes. **O Mito do Ecoturismo no Distrito Federal**. Monografia (Graduação em Turismo com Ênfase em Ecoturismo). Brasília, FTB, 2003.

RODRIGUES, Adir Balastrieri. **Turismo e Espaço**: Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar. São Paulo. Hucitec, 1996.

RODRIGUES, Adir Balastrieri. **Turismo e Meio Ambiente**. São Paulo. Hucitec, 1996.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável**: A Proteção do Meio Ambiente. São Paulo: Papyrus, 1997.

SOUZA, André Luiz Oliveira de. **Poço Azul**: Potencial para o Ecoturismo. Monografia (Pós-graduação *Latu Sensu* em Ecoturismo). Brasília, UnB, CET, 2003.

SEBRAE. **Ecoturismo na Bahia - Estudo Analítico**. Salvador: Edição SEBRAE, 1995.

ZIFFER, K. **Ecotourism** : The uneasy alliance. Wildlife Conservation International and Erns & Young International Management Consulting Group, 1989.

WEARING, S; NEIL, J. **Ecoturismo**: Impactos, Potencialidades e Possibilidades. São Paulo: Manole, 2001.

ANEXO

ATRATIVOS TURÍSTICOS

Data: Hora:

CADASTRO

Região:

Tipo de Atrativo?

Águas

Subtipo:

Nome do Atrativo

Endereço/Bairro

Município/Distrito/UF

CEP

Fone/Fax

Localidade mais próxima/ Distância

Latitude/Longitude/Altitude

PESSOAL

Número de funcionários?

Nativos

Não nativos

Total

--	--	--

ACESSOS

Rodoviário

Pavimento	Não pavimentado	Condições		
<input type="checkbox"/> Km	<input type="checkbox"/> Km	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim

Transporte coletivo	Condições			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim

Observações Gerais:

Trilhas internas	Interpretativa?			
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	

Grau de resistência do atrativo	<input type="checkbox"/> Frágil	<input type="checkbox"/> Estável	<input type="checkbox"/> Resistência
---------------------------------	---------------------------------	----------------------------------	--------------------------------------

Trilha(Nome/Km)	Tempo	Grau de dificuldade		
 	 	<input type="checkbox"/> Frágil	<input type="checkbox"/> Estável	<input type="checkbox"/> Resistência

Observação

VISITAÇÃO

Acessibilidade ao Atrativo			
<input type="checkbox"/> Permanente	<input type="checkbox"/> Temporário	De (mês)	Até (mês)

Tempo necessário para conhecer	Nº de turistas / Guias

Risco de Acidentes		
<input type="checkbox"/> alto	<input type="checkbox"/> médio	<input type="checkbox"/> baixo

Tipos de Acidentes				
<input type="checkbox"/> Queda	<input type="checkbox"/> Escorregadio	<input type="checkbox"/> Animais peçonhentos	<input type="checkbox"/> Afogamento	<input type="checkbox"/> Outros

Meses de maior visitação

<input type="checkbox"/> Janeiro	<input type="checkbox"/> Fevereiro	<input type="checkbox"/> Março	<input type="checkbox"/> Abril
----------------------------------	------------------------------------	--------------------------------	--------------------------------

- Maio Junho Julho Agosto
 Setembro Outubro Novembro Dezembro

Nº médio de visitantes

Alta temporada/feriado	Baixa temporada
------------------------	-----------------

Horário de funcionamento

Alta temporada/feriado	Baixa temporada
------------------------	-----------------

Dias

- Seg Ter Qua Quin Sex Sáb Dom

Taxa de entrada

- Sim
 Não

Custo

Alta temporada/feriado	Baixa temporada
------------------------	-----------------

ESTRUTURA

Infra-estrutura

- Sanitários Esgoto público Fossa séptica Fossa Negra
 Escoamento Eletricidade Portaria Sinalização
 Sistemas de trilhas Lixeiras Outros

Serviços

- Guias Interpretação Folheteria Alimentação
 Receptivo Bebidas Hospedagem Camping
 Comunicação Souvenirs Aluguel de equipamentos

Estrutura Física

Rebocado

<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

Revestimento

- Cimento queimado Chapiscado Madeira
 Cimento Tinta Outros

Sanitários

Rebocado

Sim Não

Revestimento

Azulejo Cimento queimado Madeira
 Cimento Tinta Chapisco Outros

Ventilado

Sim Não

Telhas

Cerâmica Amianto Zinco
 Cimento Palha NDA

Aparência geral

Ótima Boa Regular Ruim

Detalhes do Lixo

Coleta municipal Separação Leva p/ cidade Queima
 Enterra Recicla Alimenta animal Compostagem NDA

Obs:

ÁGUAS

Cachoeira Lago Rio Poço Córrego Mina

Nº de quedas	Altura da maior	Largura máx.	Desnível total
--------------	-----------------	--------------	----------------

Cor Escura Azul Verde

Transparência Turva Cristalina

Temperatura Quente Fria Muito Fria Natural

Balneabilidade Ótima Boa Ruim Inexistente

Possibilidade de banho Sim Não

QUESTIONÁRIO PARA VISITANTES

Data: _____ Hora: _____

PERFIL DO VISITANTE

Origem

UF

_____	_____
-------	-------

Sexo

- Feminino
 Masculino

Idade

Estado Civil

- Solteiro Casado Desquitado/Divorciado Viúvo Outros

Com quem está?

- Sozinho Um casal Casal com filhos
 Família Família e amigos Grupo de Amigos
 Grupo de estudo Excursão Outros

Se não está sozinho, qual o sexo e idade das pessoas que estão com você?

Sexo

Idade

Sexo

Idade

Masculino	_____	Feminino	_____
-----------	-------	----------	-------

Já tinha visitado o local?

- Sim
 Não

Tempo médio da visita?

Épocas de Visitação

- Feriados Finais de semana Férias Dias úteis

Como ficou sabendo deste lugar?

- Revista Parentes/Amigos Folhetos Outras pessoas Jornal
 Folhetos Sites Outros/Especificar

Qual o transporte utilizado para chegar até a propriedade?

- Carro Moto Vans Bicicleta Outro

A experiência vivida no local atendeu as expectativas?

- Não Sim

Grau de Instrução?

- Sem escolaridade 1º grau completo 2º grau incompleto
 2º grau Superior incompleto Superior completo
 Mestrado Doutorado

Profissão

- Emprego privado Emprego público Profissional liberal
 Empresário Estudante

Renda Pessoal

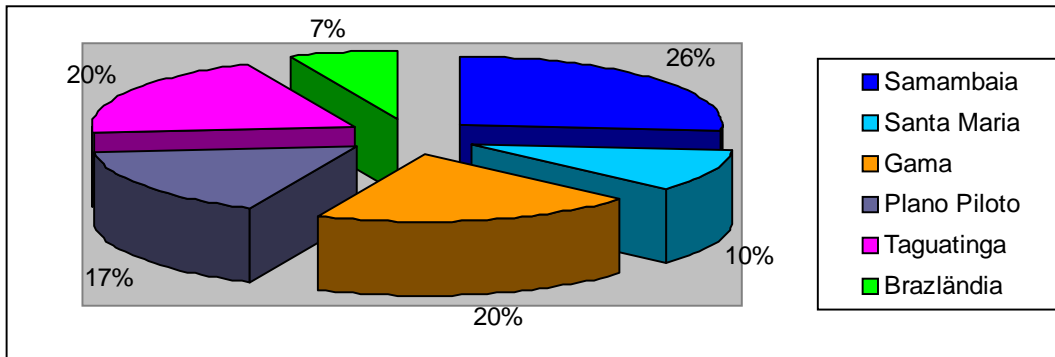
- Até um salário mínimo 2 à 3 salários 4 à 5 salários
 6 à 7 salários 8 à 9 salários Acima de 9 salários

Quais as atividades praticadas durante a visita?

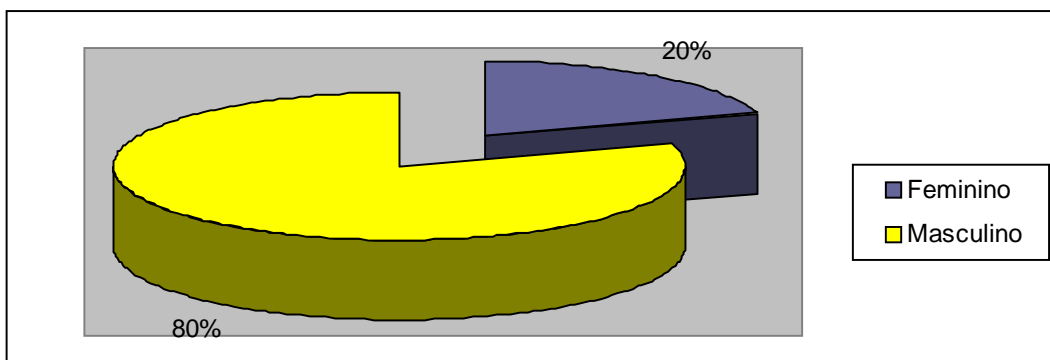
Pretende retornar?

- Não Sim

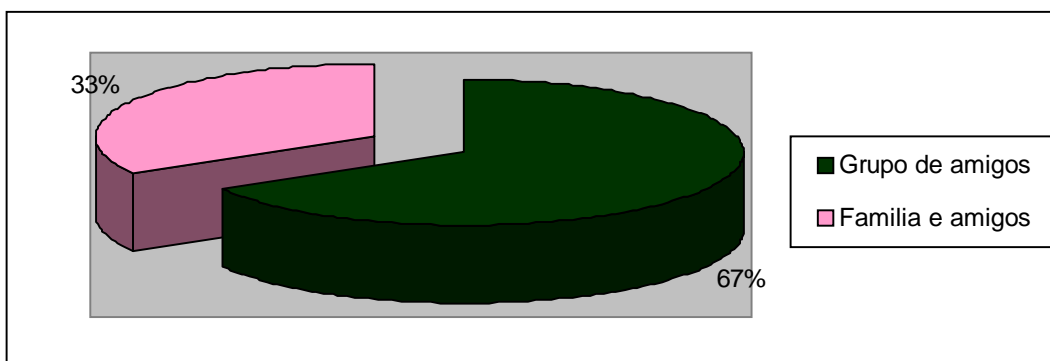
1. Origem



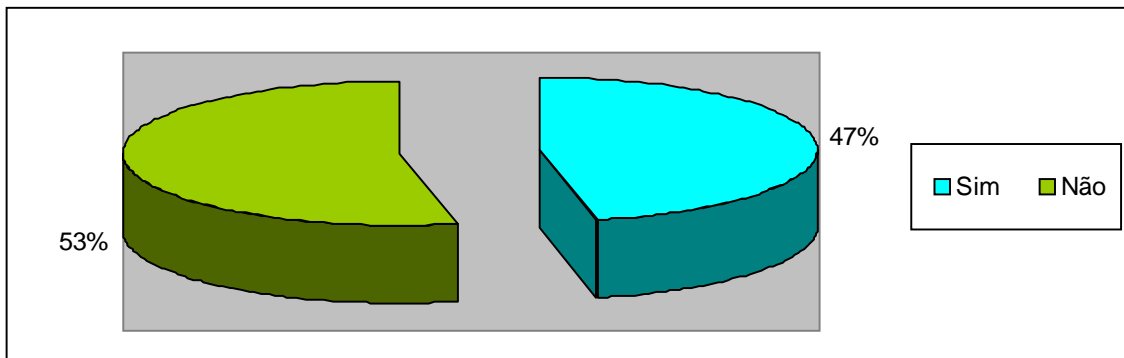
2. Sexo



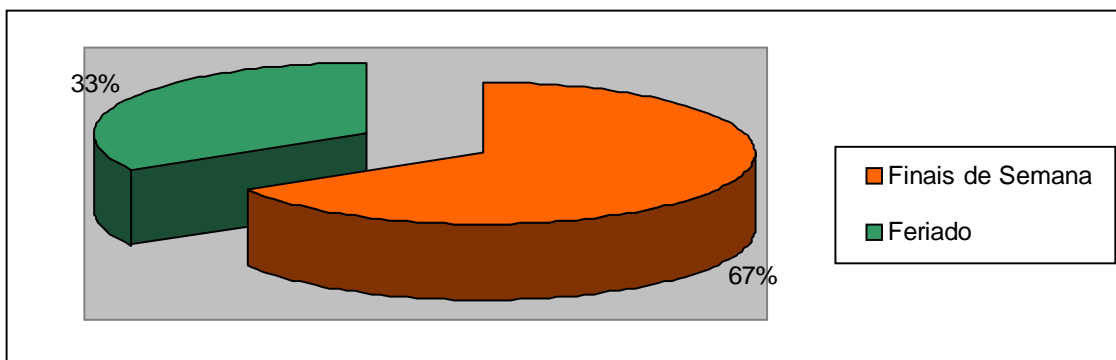
3. Acompanhantes



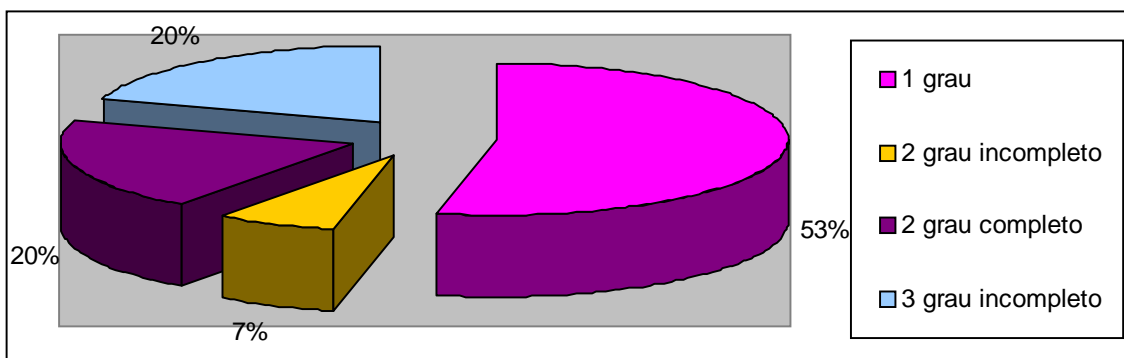
4. Já tinha visitando o local?



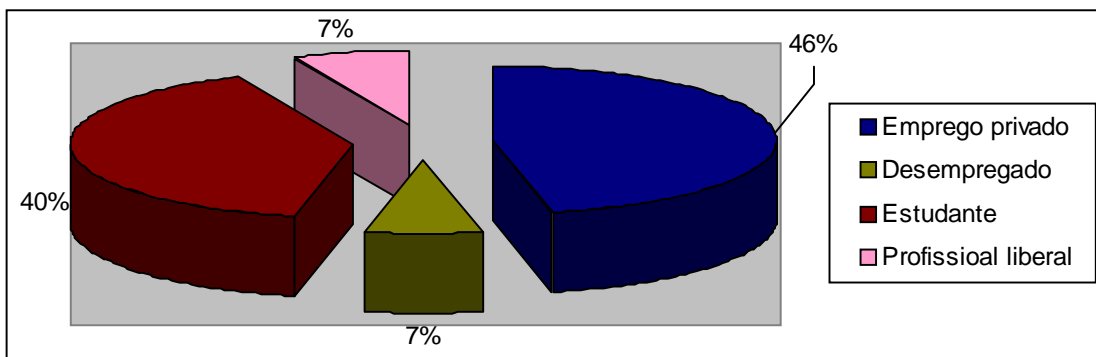
5. Épocas de visitação



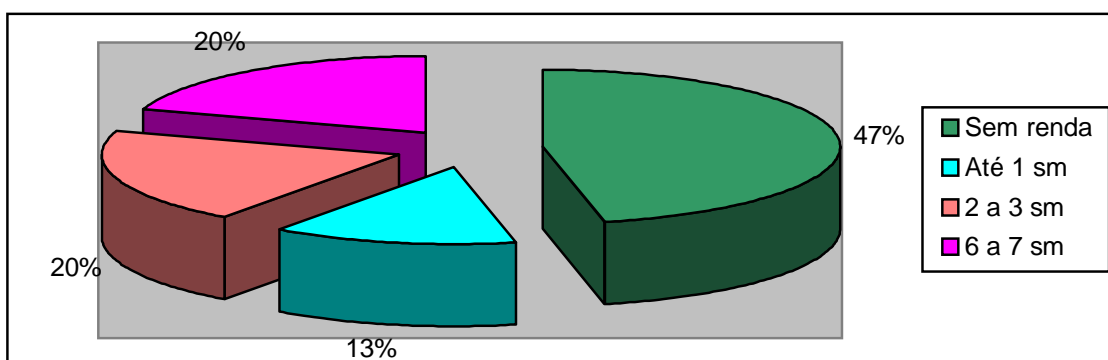
6. Grau de instru o



7. Profissão



8. Renda Pessoal



9. Atividades Praticadas

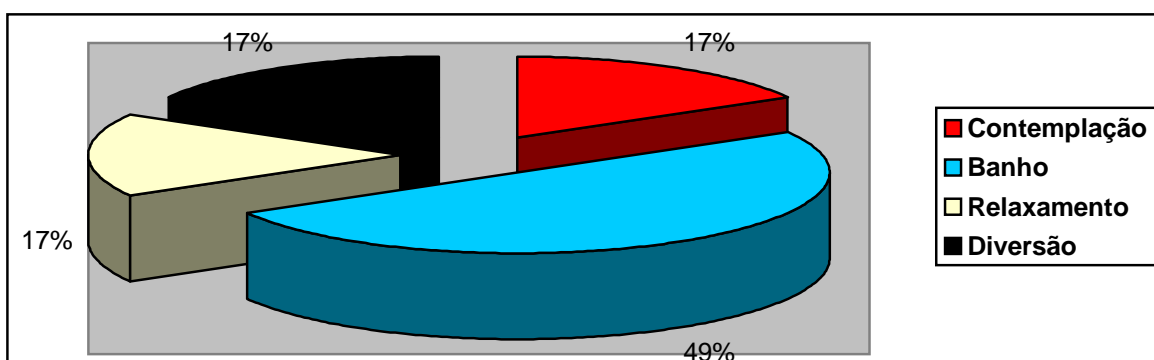




Figura 1: Trilha



¹Figura 2: Trilha

¹ Todas as fotos são do *site*: www.cabra.org.br



Figura 3: Trilha



Figura 4: Poço Azul



Figura 5: Banheiros Depredados



Figura 6: Vandalismo



Figura 7: Lixo